

"RIDDIKULUS": A REPRESENTAÇÃO DO MEDO NOS ENCONTROS COM O BICHO-PAPÃO EM HARRY POTTER

"RIDDIKULUS": THE REPRESENTATION OF FEAR IN ENCOUNTERS WITH THE BOGGART IN HARRY POTTER

Luísa de Souza Mello¹

Ana Paula da Silva Rodrigues²

RESUMO

O presente artigo analisa a representação do medo na saga *Harry Potter* (1997-2007), com foco nos livros *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (2000) e *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2003), de J.K. Rowling. A pesquisa investiga como o medo se manifesta por meio da criatura bicho-papão, figura do imaginário folclórico que assume a forma do pior temor de quem o enfrenta. Com base nas teorias dos Estudos do Imaginário, de Gilbert Durand, e nas abordagens da psicologia analítica de Carl Jung e da psicanálise freudiana, o estudo diferencia o medo figurado, ligado a ameaças concretas, do medo abstrato, associado ao desconhecido. A análise destaca como os personagens projetam seus temores no bicho-papão, desde Neville, que teme Snape, até a Sra. Weasley, que se apavora com a morte dos filhos. O caso de Harry é singular, pois seu medo não é uma entidade visível, mas o próprio sentimento de terror, reforçando a noção de que o medo mais intenso pode ser aquele sem forma definida. A pesquisa conclui que a saga *Harry Potter* não apenas utiliza o medo como elemento narrativo, mas também reflete sobre sua natureza psicológica e simbólica. Dessa forma, a obra de Rowling dialoga com tradições culturais e psicológicas, oferecendo uma abordagem complexa sobre os mecanismos de enfrentamento do medo.

Palavras-chave: medo; bicho-papão, *Harry Potter*, estudos do imaginário.

ABSTRACT

This article analyzes the representation of fear in the *Harry Potter* saga (1997-2007), focusing on the books *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* (2000) and *Harry Potter*

¹ Doutoranda em Letras, na área de História da Literatura, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), com bolsa CAPES. Mestra em Letras pela FURG (2024) e graduada em Letras – Português/Inglês, também pela FURG (2022). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0455591765718928>. E-mail: profluisamello@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1408-6488>.

² Mestranda em Letras, na área de Sociedade, (inter)textos literários e tradução nas Literaturas Estrangeiras Modernas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com bolsa CNPq. Graduada em Letras – Português/Inglês, pela FURG (2023). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6560565006588222>. E-mail: anadojorn4lismo@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-1459-6108>.

and the Order of the Phoenix (2003), by J.K. Rowling. The research investigates how fear manifests itself through the boggart creature, a figure from folklore that takes the form of the worst fear of those who face it. Based on the theories of the Studies of the Imaginary, by Gilbert Durand, and the approaches of Carl Jung's analytical psychology and Freudian psychoanalysis, the study differentiates figurative fear, linked to concrete threats, from abstract fear, associated with the unknown. The analysis highlights how the characters project their fears onto the bogeyman, from Neville, who fears Snape, to Mrs. Weasley, who is terrified of the death of her children. Harry's case is unique in that his fear is not a visible entity, but the feeling of terror itself, reinforcing the notion that the most intense fear can be one without a defined form. The research concludes that the *Harry Potter* saga not only uses fear as a narrative element, but also reflects on its psychological and symbolic nature. In this way, Rowling's work dialogues with cultural and psychological traditions, offering a complex approach to the coping mechanisms of fear.

Keywords: fear, boggart, Harry Potter, studies of the imaginary.

Introdução

Na Língua Inglesa, *fear* é utilizado para denominar a emoção, que em português, conhecemos como “medo”. De acordo com José Pedro Machado, no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (2003), essa palavra tem origem latina, com o termo *mētū-*, e, enquanto substantivo, é definido como “[...] receio, medo, inquietação, ansiedade; temor religioso; objeto de terror [...]” (Machado, 2003, p. 87). O medo é um sentimento primitivo e universal, diretamente relacionado aos instintos de autopreservação do ser humano, desempenhando um papel crucial na constituição das sociedades e manifestando-se de diferentes formas ao longo da história e das culturas. Segundo Bruno Silva de Oliveira,

Esse sentimento é uma experiência vivenciada pelo sujeito, independentemente de sua vontade, trata-se de uma emoção gerada pelas impressões e juízos acerca dos agentes fóbicos que nos rondam e permeiam o mundo e não um conglomerado de informações puras e aleatórias sobre o mesmo. (Oliveira, 2014, p. 8-9).

Entende-se, portanto, que o medo, da mesma forma que diversas outras emoções inatas, é a manifestação de uma função protetiva, amparando-nos de perigos ou ameaças, e dessa forma, apresenta grande importância para o desenvolvimento humano. Assim sendo, ele se faz presente como uma resposta imediata e involuntária em situações

amedrontantes, sejam reais ou do imaginário. É muito comum deparar-se com pessoas que afirmam ter medo do escuro, contudo, não é do escuro que elas têm medo, e sim do infamiliar (*Das Unheimliche*) que pode se esconder nele, ideia trazida pelo psicanalista Sigmund Freud (2019, p. 59).

Em *História do medo do ocidente 1300-1800* (2009), Jean Delumeau traz a ideia da divisão do medo em individual e coletivo. De acordo com Delumeau, o primeiro é definido como “[...] uma emoção-choque, frequentemente precedida de surpresa provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação”. Já no medo coletivo,

[...] é provável que as reações de uma multidão tomada de pânico ou que libera subitamente sua agressividade resultem em grande parte da adição de emoções-choques pessoais tais como a medicina psicossomática nos faz conhecê-las. (2009, p. 31).

Na literatura, o medo tornou-se um elemento central nas narrativas góticas, que ganharam notoriedade no período do Romantismo, com a valorização da subjetividade e dos aspectos sombrios da existência humana. Autores como Mary Shelley, na Inglaterra, e Edgar Allan Poe, nos Estados Unidos, figuram entre os pioneiros deste gênero, popularizando histórias de horror e fantasia. Tais narrativas popularizaram por seu caráter Fantástico, que, segundo Tzvetan Todorov em *Introdução à literatura fantástica* (2008), é caracterizado por um espaço físico semelhante ao nosso mundo, contudo, é regido por leis próprias de seu universo. Esse espaço fantástico é, muitas vezes, povoado por seres insólitos, que permitem que o personagem e o leitor acreditem na intervenção do sobrenatural.

Apesar da relevância do medo na literatura adulta, sua construção na literatura infantil e juvenil ainda é um tema relativamente pouco explorado no meio acadêmico. No entanto, seu impacto pode ser significativo, especialmente no contexto familiar e educacional, uma vez que a arte pode funcionar como mediadora na abordagem de medos e ansiedades da infância e da adolescência. A saga *Harry Potter* (1997-2007), escrita por J.K. Rowling, tornou-se uma das mais influentes da literatura juvenil contemporânea, servindo como porta de entrada para a leitura de muitas crianças e jovens.

Dessa forma, o presente artigo busca investigar o medo e a representação do bicho-papão nos livros *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (2000) e *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2003), analisando como essa figura folclórica é utilizada na construção do medo dos personagens e quais as implicações psicológicas dessa representação. A análise será fundamentada nas teorias de Gilbert Durand, sobre o imaginário do medo, nas concepções de Carl Jung acerca dos arquétipos e na teoria freudiana sobre o inconsciente e o medo, buscando entender as representações do medo em Harry Potter perante as aparições da figura do bicho-papão.

A escolha dos dois livros se justifica pela forma como o bicho-papão é apresentado e ressignificado. Em *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (2000), a criatura surge em um contexto pedagógico, onde o professor Remus Lupin ensina aos alunos a enfrentarem seus medos por meio do feitiço Riddikulus. Já em *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2003), a criatura assume uma conotação mais sombria e psicológica, ao refletir os traumas e temores mais profundos da personagem Molly Weasley.

Metodologicamente, este estudo utilizará uma abordagem qualitativa e interpretativa, baseada na análise textual das passagens dos livros que envolvem o bicho-papão, além de uma revisão bibliográfica de autores que discutem o medo e o imaginário. A partir dessa investigação, pretende-se compreender como a figura do bicho-papão, ao se moldar aos medos individuais dos personagens, funciona como um espelho do inconsciente e um meio narrativo para explorar conflitos internos e traumas.

O medo na literatura

O medo é um sentimento inerente à experiência humana e desempenha um papel central na construção da sociedade. Jean-Paul Sartre observa que “[...] todos os homens têm medo. Todos. Aquele que não tem medo não é normal [...]” (Sartre, 1945, p. 56), indicando que esse sentimento se manifesta ao longo da vida em diferentes circunstâncias. Essa onipresença do medo no desenvolvimento humano o torna, paradoxalmente, ambíguo. De acordo com René Descartes, ele é “[...] o contrário à audácia, não é apenas uma frieza, mas também uma perturbação e um espanto da alma que lhe tiram o poder de resistir aos males que ela pensa estarem próximos [...]” (Descartes apud Delumeau, 2009, p. 24). Essa dualidade é reforçada por Jean Delumeau (2009, p. 15), que argumenta que

“[...] as primeiras grandes evocações de pânico foram equilibradas em contraponto por elementos grandiosos que proporcionavam como que desculpas para uma degradingolada [...]”. Assim, o medo pode tanto paralisar o indivíduo quanto servir como um impulso para a coragem e a superação.

Além de sua dimensão individual, o medo também pode manifestar-se coletivamente. Segundo Delumeau, ele pode surgir como uma emoção-choque caracterizada por reações fisiológicas como “[...] aceleração ou diminuição dos movimentos do coração; uma respiração demasiadamente rápida ou lenta; uma contração ou uma dilatação dos vasos sanguíneos [...]” (Delumeau, 2009, p. 23). Esse medo pode ser desencadeado por ameaças iminentes e concretas, mas também por perigos desconhecidos e latentes. Durante a infância, por exemplo, o medo frequentemente se associa a arquétipos referenciais, como o escuro, que simboliza a ausência de segurança. Dessa forma, a criança passa a projetar nesse vazio a possibilidade da presença de seres ameaçadores, tornando o desconhecido fonte de angústia e terror.

Na literatura, a construção do medo se dá por meio da ambientação e da disposição de elementos amedrontadores na narrativa. Carla Cristina Pasquale (2010, p. 39) destaca que “[...] o clima que envolve um enredo, como locais distantes, arvoredos soturnos, podem reativar, no ouvinte ou leitor, temores relacionados a algo interno, que leva a enxergar a realidade de um modo estranho [...]”. A experiência do medo, nesse sentido, não está apenas ligada ao conteúdo da história, mas à forma como os elementos narrativos são estruturados para provocar no leitor “[...] arrepios, sensação de paralisia que denunciam o estado de horror [...]” (Pasquale, 2010, p. 39). Essa distorção da realidade, segundo a autora, fundamenta-se na fusão entre o cotidiano e o desconhecido:

A construção de ambientes na história, como castelos antigos, escadas que rangem, correntes tinindo, corujas que voam contra a luz da lua cheia, que brilha de um jeito sinistro, provocam um delírio sensório em quem ouve as narrativas, com a certeza de que se tratam de coisas que ultrapassam a realidade, do modo como ela é percebida no dia-a-dia, provocando estranhamento. (Pasquale, 2010, p. 42)

Essa ideia do desconhecido como catalisador do medo também se estende à literatura infantil. Sigmund Freud, em *O infamiliar (Das Unheimliche)*, analisa esse fenômeno ao afirmar que “[...] a palavra alemã unheimlich [infamiliar] é, claramente, o

oposto de heimlich [familiar], doméstico, íntimo, e nos aproximamos da conclusão de que algo seria assustador porque não seria conhecido e familiar [...]” (Freud, 2019, p. 55), ou seja, o que não é do cotidiano e conhecido, principalmente para a criança, vai servir como incentivador do medo, isso se concretiza, por exemplo, por meio dos contos folclóricos. Desde as canções de ninar até os romances de literatura infanto-juvenil, há uma presença desse medo, seja ele personificado, como seres folclóricos como a *cuca*, seja ele apresentado sem uma personificação. No contexto de literatura infantil, esse medo imaginário, ou seja, aquele medo que é incentivado sem uma personificação, torna-se mais torturante, pois “[...] o “objeto” que o condiciona nunca constituiu causa de medo orgânico para o sujeito e se encontra ligado apenas a um verdadeiro estímulo fóbigeno [...]” (Mira y Lopez, 2012, p. 37). Dessa forma, a imaginação, principalmente, torna-se guiadora dessa construção do medo.

Ainda, tendo como base a imaginação, de acordo com as concepções de Gilbert Durand (2012) seria “[...] a potência dinâmica que “deforma” as cópias pragmáticas fornecidas pela concepção, e esse dinamismo reformador das sensações torna-se o fundamento de toda a vida psíquica [...]” (Durand, 2012, p. 30), ou seja, a imaginação é o mecanismo de transformar o real e dessa forma criando outras sensações a partir dessas mudanças. Relacionando essa ideia com a construção do medo na literatura infantil, é possível perceber como a imaginação vai ser fundamental para essa ambientalização literária, principalmente a partir da presença de criaturas como o bicho-papão.

A partir dessas concepções, é possível analisar a construção do medo na saga *Harry Potter*, de J.K. Rowling. Ao longo da narrativa, o protagonista, Harry, enfrenta uma série de desafios que exigem a superação de seus medos mais profundos. Segundo Fernández-Abascal et al. (2015, apud Possebon, 2017, p. 19), “[...] medo é a maior herança emocional do processo de evolução humana, pelo seu valor de sobrevivência [...]”. No universo de *Harry Potter*, o medo não apenas contribui para o desenvolvimento dos personagens, mas também desempenha um papel narrativo essencial, sendo simbolizado por criaturas como o Bicho-Papão.

O bicho-papão na saga *Harry Potter*

Na saga Harry Potter, o medo manifesta-se de diversas formas e em vários momentos. Contudo, o presente artigo dedica-se a analisar a presença desse sentimento durante os encontros dos personagens com o bicho-papão. Essa figura folclórica, amplamente conhecida e transmitida pela tradição oral, é frequentemente utilizada por pais e responsáveis como forma de disciplinar crianças, associando sua lenda à desobediência. De acordo com essa tradição, o bicho-papão esconde-se em armários, gavetas ou sob a cama, esperando a oportunidade de assustar aqueles que se comportam de maneira indesejada.

A primeira aparição da figura do bicho-papão em *Harry Potter* acontece no terceiro livro, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (2000), durante uma aula da matéria de "Magia contra a arte das trevas", quando, ao perceber que alguns alunos pularam para trás, assustados com um movimento súbito do armário, o professor Lupin afirma que "Há um bicho-papão aí dentro." (Rowling, 2000, p. 101). Em seguida, ele explica que "Bichos-papões gostam de lugares escuros e fechados [...] Guarda-roupas, o vão embaixo das camas, armários sob as pias... Eu já encontrei um alojado dentro de um relógio de parede antigo." (Rowling, 2000, p. 101). Essa descrição reforça o alinhamento entre a tradição popular do bicho-papão e sua representação na série, além de evidenciar a reação instintiva dos alunos, que, ao depararem-se com uma possível ameaça, afastam-se automaticamente.

Ainda nessa cena, Lupin questiona se os alunos sabem o que é um bicho-papão, assim encontra-se uma definição ainda mais interessante sobre a criatura, que é descrita como "[...] um transformista [...] capaz de assumir a forma do que achar que pode nos assustar mais." (Rowling, 2000, p. 101). Além disso, o professor também afirma que ninguém sabe, ao certo, qual é a aparência real de um bicho-papão, uma vez que ele imediatamente se transforma naquilo que cada um que o encontrar mais teme. Dessa forma, ninguém nunca se encontra com a figura plena de tal criatura, mas sim com o seu próprio medo. Para mais, também é dito que, ao se encontrar com um grande grupo de pessoas, o bicho-papão tende a se confundir, pois não sabe se "[...] deverá se transformar, num corpo sem cabeça ou numa lesma carnívora" (Rowling, 2000, p. 102), já que cada indivíduo tem seus próprios medos de acordo com suas vivências únicas.

Lupin também apresenta o feitiço Riddikulus, uma magia destinada a repelir o bicho-papão por meio do riso. Ele explica que, para derrotar a criatura, é necessário transformá-la em algo cômico: “[...] a coisa que realmente acaba com um bicho-papão é o riso. Então o que precisam fazer é forçá-lo a assumir uma forma que vocês achem engraçada.” (Rowling, 2000, p. 102). A palavra Riddikulus remete ao termo ridiculous em inglês, bem como à palavra latina ridiculum, que significa risível, jocosos, absurdo. Essa abordagem dialoga com a teoria junguiana, segundo a qual “[...] você deve estudar suas fantasias e sonhos para que possa encontrar o que deve fazer ou onde pode começar a fazer alguma coisa.” (Jung, 2015, p. 306, tradução nossa³). Em outras palavras, o processo de reconhecimento e reformulação do medo é essencial para superá-lo.

Contudo, um aspecto notável da cena é a incerteza de Harry sobre qual é seu maior medo. Inicialmente, ele pensa em Lord Voldemort, mas logo outra imagem invade sua mente:

Seu primeiro pensamento foi Lorde Voldemort – um Voldemort que tivesse recuperado totalmente as forças. Mas antes que conseguisse planejar um possível contra-ataque ao bicho-papão-Voldemort, uma imagem horrível foi aflorando à superfície de sua mente... Uma mão luzidia e podre, que escorregava para dentro de uma capa preta... uma respiração longa e rascante que saía de uma boca invisível... depois um frio tão penetrante que dava a impressão de que ele estava se afogando... (Rowling, 2000, p. 103).

Essa visão remete à experiência traumática vivida anteriormente no livro, quando Harry encontrou um dementador⁴ no trem para Hogwarts. A sensação de frio e afogamento está associada não apenas ao medo em si, mas à influência psicológica dos dementadores, que fazem suas vítimas sentirem que nunca mais serão felizes. Posteriormente, Lupin esclarece a Harry que presumiu que seu maior medo fosse Voldemort: “[...] presumi que se o bicho-papão o enfrentasse, ele assumiria a forma de Lorde Voldemort. [...] Mas eu não achei uma boa ideia Lorde Voldemort se materializar na sala dos professores. Imaginei que os alunos entrariam em pânico.” (Rowling, 2000,

³ No original: “You must study your fantasies and dreams in order to find out what you ought to do or where you can begin to do something.” (Jung, 2015, p. 306).

⁴ Dementadores são criaturas das trevas, presentes no universo da saga Harry Potter, que consomem toda a alegria e felicidade humana, transformando o ambiente em frio, escuro, triste e amedrontador. Eles atuam como seguranças da prisão de Azkaban, onde impedem que os prisioneiros sintam desejos ou vontade de escapar.

p. 117). Ao ouvir a explicação de Harry sobre sua experiência, Lupin conclui: “[...] Isso sugere que o que você mais teme é o medo. Muito sensato, Harry.” (Rowling, 2000, p. 117).

A noção de medo do próprio medo pode ser analisada à luz do conceito freudiano de *Das Unheimliche*, o infamiliar. Para Freud, algo é assustador porque “[...] não seria conhecido e familiar.” (Freud, 2019, p. 55). Enquanto Neville teme uma figura concreta, o professor Snape, e Rony tem um medo definido – aranhas –, o medo de Harry é abstrato. Ele não teme figuras específicas, mas sim a sensação que o medo provoca, tornando sua experiência mais complexa e existencial.

O medo que Harry sente é diferente do medo de Neville, seu colega, que ao ser questionado sobre o que mais o amedronta, rapidamente consegue afirmar que é o professor Snape. Também se difere do medo de seu melhor amigo, o Rony, que também consegue afirmar rapidamente que são as aranhas que o assusta. Isso se dá pois tanto Neville quanto Rony têm medo de figuras específicas, enquanto Harry tem medo do que lhe é desconhecido e do que pode lhe causar a sensação de medo. O que mais o amedronta no mundo é tudo e qualquer coisa que ele não conhece, mas que ele sabe que pode lhe ameaçar.

Além disso, no quinto livro, *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2003), há outra aparição do bicho-papão, que se dá na casa número 12 do Largo Grimmauld, antiga casa da família Black e atual sede da Ordem da Fênix, grupo de resistência ao Lorde Voldemort. Nesta cena é possível observar a mutação do bicho-papão de forma a aterrorizar cada vez mais a Sra. Weasley:

O corpo de Rony se transformou no de Gui, de barriga para cima, braços e pernas abertos, olhos abertos e vidrados. A Sra. Weasley voltou a soluçar.

Craque.

O corpo do Sr. Weasley substituiu o de Gui, seus óculos tortos, um filete de sangue escorrendo pelo rosto. (Rowling, 2003, p. 146).

Molly, apavorada com a possibilidade de perder seus entes queridos, tenta conjurar Riddikulus, mas sua mente está tão dominada pelo medo que ela não consegue visualizar nada cômico. Seu estado de terror se manifesta fisicamente, conforme o narrador descreve que ela está "encolhida contra a parede escura, soluçando e trêmula."

(Rowling, 2003, p. 146). Apenas quando Lupin chega e lança o feitiço, o bicho-papão é derrotado.

A análise dessas cenas evidencia como o bicho-papão funciona não apenas como um monstro folclórico, mas como uma representação psicológica do medo individual de cada personagem. Sua presença na saga *Harry Potter* reforça as nuances do medo infantil e adulto, conectando-se a teorias psicanalíticas e junguianas para explorar os efeitos emocionais dessa emoção universal.

Considerações finais

O medo é inerente ao ser humano e, por consequência, sempre esteve presente nas mais diversas formas de expressão artística, incluindo a literatura. Na saga *Harry Potter*, esse sentimento é explorado de maneira simbólica e multifacetada, sobretudo nos livros *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (2000) e *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2003). Através da criatura bicho-papão, um ser transformista que, desde o folclore e a tradição oral, é constantemente associado ao medo, J.K. Rowling constrói uma metáfora poderosa sobre os terrores internos e a forma como os personagens — e, por extensão, os leitores — enfrentam suas próprias angústias. Embora a autora mantenha a essência folclórica da criatura, ela adiciona nuances originais, como a vulnerabilidade ao riso e a possibilidade de enfrentamento por meio do feitiço riddikulus.

Ao longo da narrativa, o medo é construído tanto através das figuras que mais aterrorizam os personagens — como Neville, que teme Snape; Rony, que é apavorado por aranhas; e a Sra. Weasley, cujo maior pavor é a morte de seus entes queridos — quanto por meio daquilo que Freud denominou *Das Unheimliche*, o infamiliar. Esse aspecto se manifesta especialmente no caso de Harry, cujo bicho-papão não assume uma forma concreta, mas representa o próprio medo em si. Essa característica reforça a ideia de que o terror mais profundo não é necessariamente aquele que pode ser visualizado, mas sim o que permanece abstrato, indefinido e, por isso, incontrolável. Como aponta Possebon (*apud* Souza, 2020), “[...] paradoxalmente, quanto mais irreal, mais difícil é de ser combatido”, o que se confirma na cena da Sra. Weasley, em que o bicho-papão assume múltiplas formas e, a cada transformação, se torna mais aterrador, exigindo a intervenção de terceiros para ser derrotado.

Essa dualidade entre o medo figurado e o medo abstrato pode ser interpretada à luz da teoria de Gilbert Durand sobre os regimes do imaginário. Enquanto as imagens concretas do bicho-papão remetem ao regime diurno, associado à luta contra ameaças externas e à possibilidade de enfrentamento, o medo de Harry pertence ao regime noturno, marcado pela indefinição e pelo mergulho no inconsciente. A perspectiva junguiana também se mostra relevante na análise, pois sugere que o medo, quando enfrentado e ressignificado, pode conduzir ao autoconhecimento e à integração da psique. O feitiço riddikulus se alinha a essa ideia, na medida em que transforma o terror em algo risível, permitindo que os personagens recuperem o controle sobre suas emoções e sobre a própria realidade.

Portanto, a análise do bicho-papão na saga Harry Potter revela que o medo, mais do que um simples mecanismo narrativo, assume um papel central na construção psicológica dos personagens e na experiência do leitor. Ao explorar suas múltiplas facetas — seja o pavor diante de figuras concretas ou a angústia gerada pelo desconhecido —, Rowling não apenas dialoga com as tradições folclóricas e literárias, mas também oferece uma reflexão profunda sobre as formas de enfrentamento do medo, suas distinções e peculiaridades, especialmente quando analisadas à luz dos Estudos do Imaginário e das teorias da psicologia analítica e psicanalítica.

Referências

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1330-1800: uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.

DURAND Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Editora WMF Martins Fontes - POD. 1 janeiro 2012

FREUD, Sigmund. *O infamiliar (Das Unheimliche)* seguido de O homem da Areia / E.T.A. Hoffmann (1856-1930). Tradução de Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares (O homem da areia, tradução de Romero Freitas). Belo Horizonte: Autêntica, 2019. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 8).

JUNG, C. G. (Org.). *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016.

JUNG, C.G. *Letters Volume 2 1951-1961*. Londres: Routledge, 2015.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. v. 4. 8. ed. Lisboa: Livros Horizontes, 2003.

MIRA Y LOPEZ, E. *Quatro gigantes da alma – o medo, a ira, o amor, o dever*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

OLIVEIRA, Bruno Silva de. Onde o bicho papão se esconde: o medo dos animais na literatura fantástica. Catalão, 2014. Dissertação (Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3527>>. Acesso em: 15/08/2022.

PASQUALE, Carla Cristina. O Medo e o Horror na Literatura Oral. *TEMA*, Revista das Faculdades Integradas Teresa Martin, n. 55, p. 38-45, 2010. Disponível em: <https://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revista_tema/pdf/20170417163704.pdf>. Acesso em: 16/09/2022.

POSSEBON, Elisa Gonsalves. *As emoções básicas: medo, tristeza e raiva – Coleção Educação Emocional volume 2*, João Pessoa: Libellus, 2017.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Tradução de Lia Wyler, Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Tradução de Lia Wyler, Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

SARTRE, J. P. *Le Sursis*, Paris, 1945.

SOUZA, Rebeca Barbosa Pereira de. *A construção social do medo na literatura infantil*. João Pessoa, 2020. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - CE, UFPB. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20625>>. Acesso em: 16/09/2022.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

Recebido em: 14 de fevereiro de 2025

Aceito em: 06 de maio de 2025.